

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES

A' vista da continuação da baixa do cambio, torna-se impossivel mantermos o preço de assignatura que actualmente vigora para esta folha.

Quando ha um anno foi elevado o preço primitivo, julgámos que seria sufficiente o augmento, pois não era prevista a continuação da marcha descendente do cambio até a taxa a que hoje attingio.

O preço por que fica na actualidade todo o genero importado não permite a continuação da tabella então estabelecida, e obriga-nos a adoptar a que abaixo vae mencionada, para as assignaturas feitas de 1º de Outubro proximo futuro em deante:

CAPITAL		ESTADOS	
Um anno.....	18\$000	Um anno.....	20\$000
Seis mezes....	10\$000	Seis mezes....	11\$000

Desnecessario nos parece justificar o nosso procedimento. O publico que protege esta publicação ha vinte e dois annos e vio mantido o mesmo preço desde a origem até o anno proximo passado, apesar das constantes addições, dos melhoramentos frequentes que introduzimos no nosso jornal, sabe que só as circumstancias excepcionaes da nossa praça, poderiam fazer-nos desviar desse proposito.

Temos consciencia de haver mantido *A Estação* em posição digna das suas bondosas leitoras, e, como até agora, não nos descuidamos de a conservar na primeira plana das publicações similares.

Esperamos, pois, á vista dos motivos justos que nos levaram a alterar o preço, que as protectoras d'*A Estação* continuarão a dispensar-nos os seus favores, e rogámos aos Exmos. Assignantes, cuja subscrição finda com o mez de Setembro, a bondade de as mandar reformar, e conformidade com os novos preços, avisando-nos, para evitar perda de tempo, em corres-

pondencia, serão feitas as assignaturas, para aquellas pessoas que enviarem quantia insufficiente, por praso correspondente á quantia recebida.

H. LOMBAERTS & C.

Rio, Setembro de 1892.

## CHRONIQUETA

Rio, 19 de Setembro de 1892.

A bandeira nacional. — O colchoeiro da rua da Assembléa. — Os boatos. — Perversidade de Urbano Duarte — O que eu passo por alto. — Isabella Svicher.

A bandeira da Republica está na ordem do dia. Um deputado, o Sr. Oliveira Valladão, propoz no Parlamento que a substituíssem por outra, em que não se lêsse a famosa divisa «Ordem e Progresso».

Tambem eu embirro com o letreiro, não porque tenha qualquer prevenção contra os positivistas, e não reconheça que o progresso e a ordem são realmente duas bellas coisas, que não se me dava de ver estabelecidas em nossa patria. Uma bandeira nacional deve ser singela, sem desenhos, nem lemmas, nem complicações, de modo que com dous ou tres pedaços de panno, uma tesoura, uma agulha, e um pouco de linha, a gente possa improvisal-a n'um momento dado. A França tem o ideal das bandeiras: outra não ha tão bella nem tão simples.

Tambem não morro de amores pelos nossas côres nacionaes, que o governo provisório conservou por mero sentimentalismo. O verde e o amarello só se combinam agradavelmente nas *mayonaises aux fines herbes*; são duas côres que berram quando se encontram. Demais, não ha verde nem amarello que resistam á acção do tempo. A nossa bandeira, quando nova, faz vista, mas com quinze dias de uso desbota, envelhece e fica feia.

Entretanto, apesar de todas essas considerações, a minha opinião é que, boa ou má, conservem a bandeira tal qual é. Só uma revolução terá o direito de substituil-a. Parece-me ridiculo que esteja o paiz a mudar constantemente de bandeira como nós mudamos de gravatas.

Ainda a proposito da nossa bandeira, direi que a imprensa deu demasiada importancia ao tal colchoeiro da rua da Assembléa. A propria policia já reconheceu

que esse pobre diabo é um inconsciente. Ninguém que tivesse juizo, ou mesmo um pouco de amor á pelle, seria capaz de fazer o que elle fez, arriscando-se á tremendissima sova de pão que o teria posto em lenções de vinho, ou na sepultura, quem sabe? se não fugisse pelos fundos benemeritos da loja.

Ha muitos annos tenho na conta de um toleirão a esse colchoeiro, que, inaugurando o seu estabelecimento quando nesta cidade se publicava o celeberrimo *Corsario*, entendeu pôr na taboleta o titulo do infame pasquim. Depois mettu-se a engraçado, e inventou aquelles annuncios indecentes, que certas folhas sérias publicaram com uma complacencia realmente admiravel. E a proposito de tão insignificante personagem azoïnaram me os ouvidos com *patriotismo civismo* e outros palavões em voga.

De menos importancia ainda é a historia da bandeira imperial, hasteada á janella de uma casa de bilhares no largo de S. Francisco. Um modesto empregado d'esse estabelecimento, lembrando-se que devia embandeiral-o por ser o dia 7 de Setembro, foi ao armario em que estavam guardadas as bandeiras, tirou-as para fóra, e arvorou-as em todas as janellas, indistinctamente, sem prestar muita attenção ao que fazia. Ora, como entre ellas uma houvesse dos «ominosos tempos» e fosse tambem hasteada, houve barulho.

Não o haveria, se não fossem os boatos de revolução, com tanta insistencia espalhados. Em condições normaes a bandeira do Imperio faria o mesmo effeito que outro qualquer pedaço de lan, sem significação politica. Um dia, passando pela Tijuca, vi hasteada em certa casa uma bandeira imperial, cuja corôa tinha sido substituida por um enorme ponto de interrogação. Informaram-me que esse pavilhão sebastianista era todos os domingos desfraldado aos ventos, e nunca ninguém protestára. E' que naquelle tempo não havia boatos. Em os havendo, os exaltados fazem de um argueiro não um mas uma duzia de cavalleiros.

N'uma espirituosa chronica, o meu collega Urbano Duarte insinúa que esses boatos politicos são inventados e espalhados pelas mulheres. Não duvido, porque as senhoras fluminenses — excepção feita das formosissimas leitoras da *Estação* — em geral são mais sebastianistas que o proprio barão de Drummond, typo official e consagrado do sebastianista.

Felizmente, porém, os boatos ficaram em boatos, e o septuagesimo anniversario da nossa independencia foi festejado sem conflictos nem bernardas. Houve um rolo no Hippodromo Fluminense, mas não por motivo politico. Os individuos que o provocaram queriam restaurar não o throno mas as proprias finanças. Tratava-se do jogo.



A ENCRUZILHADA

Passo por alto o desaparecimento de duas folhas diárias, o *Diario do Commercio* e o *Industrial*; a *blague* do *Figaro* dizendo que a monarchia tinha sido restaurada em 7 de Setembro e a *blague* do *Jornal do Commercio* dizendo que o governo mandara pôr em circulação moeda falsa; a parada da Guarda Nacional; a alta inesperada do cambio; a comunicação espiritista feita por D. Pedro de Alcântara ao Sr. Angelo Torteroli, dizendo-lhe que a Republica foi sempre o seu ideal; mais um desastre na Estrada de Ferro Cavelleira de Burro; dous suicidios, etc.

Passo por alto tudo isso para dizer ás minhas amáveis leitoras que...

... achando-me ultimamente n'uma brilhante *soirée*, tive occasião de ouvir Isabella Svicher, a notavel cantora que se acha nesta capital, e tem feito furor com a sua bellissima voz de soprano ligeiro.

Apesar do seu nome teutonico, a Svicher é florentina da gemma, e pouco mais terá de vinte annos, se os tiver. Dizem-me que veio ao Rio de Janeiro contratada pela actual empreza do Theatro Lyrico, não conseguindo, entretanto, entrar em accordo com os Srs. Ducci e Ciacchi. Foi pena: estou convencido de que ella alcançaria um estrondoso successo na Guarda-Velha.

Nunca ouvi a Patti, mas quero crer, e todos dizem, que a Svicher seja, pouco mais ou menos, o que era a outra ha vinte annos. Ouvia Donadio, que era universalmente comparada á opulenta castellan do Paiz de Galles, e, na minha opinião, a Svicher não vale menos que a Donadio. Tem a voz pequena, mas extensa, admiravelmente timbrada, e vocalisa com uma agilidade, uma nitidez e uma expressão capazes de entusiasmar a um surdo! Não imaginam com que arte cantou as grandes arias da *Traviata* e do *Barbeiro de Sevilha*, principalmente a primeira! Excedeu á Repetto, que aqui ouvimos sem grandes enthusiasmos, e foi depois ruidosamente applaudida nas primeiras scenas lyricas da Europa com o nome de Tresolini.

A Svicher deu sexta-feira passada, no Cassino, o seu "concerto d'addio", e parte brevemente para Chicago: vae dar concertos durante a Exposição.

FLOY, O HERÓE.

## THEATROS

Rio, 19 de Setembro de 1892.

Lamentamos profundamente que o Theatro Lyrico ficasse vazio na noite do beneficio de Carlos Gomes. Cantava-se o *Condor*, é verdade, e o *Condor* não agrada; mas os Srs. assignantes da companhia Ducci-Ciacchi deviam lembrar-se que *noblesse oblige*, e conservar os seus logares.

Foi uma vergonha!

Não nos tendo dado nada de novo a companhia Ducci-Ciacchi, fallemos da companhia Ferrari, que conseguiu realizar uma honita assignatura em S. Paulo, e agrada ali extraordinariamente. A Theodorini estrejou-se ante-hontem, e foi alvo de grandes ovações.

Essa companhia dará, de volta de S. Paulo, dez espectáculos nesta capital, para o que já contractou o theatro S. Pedro. N'esses dez espectáculos serão cantadas dez operas.

Como se vê, não nos tem faltado Lyrico este anno, e vamos tel-o hoje mais barato que n'outra qualquer parte. O Recreio annuncia a primeira representação da *Cavalleria rusticana*, de Mascagni. As papeis serão desempenhados pelas Sras Bellegrandi, Miola e Lambiazi, e pelos Srs. Parodi e Russo. A orchestra compõe-se de trinta e cinco musicos, sob a intelligente direcção do *maestro* Cavalier. Os côros, segundo consta, não são ideaes; são, entretanto, os melhores que se poderam arranjar.

A tentativa é sympathica, e digna de animação. A empreza do Recreio Dramatico... perdão: do Recreio Lyrico... já annuncia outras operas, entre as quaes a *Moema*, do compositor brasileiro Assis Pacheco.

Veremos.

A Phenix Dramatica foi re-inaugurada com um drama intitulado *Maria da Fonte ou a revolução do Minho*, representado pela companhia dirigida pelo actor Francisco de Mesquita, e da qual fazem parte os artistas Cardoso da Motta, Julia de Lima, Helena Balsemão, etc. « O entusiastico hymno de Maria da Fonte é cantado por toda a companhia », diz o cartaz. Ainda assim, não fomos assistir a esse espectáculo.

O Sant'Anna vae ser occupado por uma companhia de magicas, operetas e vaudevilles, dirigida pelo actor Mattos e formada com os destroços da companhia Heller, dissolvida em S. Paulo, e da que funcionou no S. Pedro, sob a direcção de Furtado Coelho.

A companhia Mattos inaugurará os seus espectáculos com uma peça phantastica, intitulada: *Céo e inferno*, e extrahida de uma velha lenda europeia pelo Sr. Luiz de Castro.

Reabriu-se o Eldorado, mas o publico tem-n'o deixado ás moscas.

Durante as ultimas noites representaram-se: no Apollo, o *Periquito, Uma vespera de Reis* e o *Gato preto*; no Variadas as *Maçãs de ouro*; no Sant'Anna, o *Conte de S. Germano*; no Recreio, *D. Sebastião*; no Lucinda, *Tim tim por tim tim*.

No Polytheama estrejou-se uma companhia equestre e acrobatica, a companhia Mariani. Não deu novidades, mas apresentou bons artistas, e por isso foi muito bem recebida pelo publico. Os theatros estão aterrorisados diante d'esse inimigo medonho, o circo! Razão têm elles.

Do Maranhão recebemos um volume contendo tres peças theatraes, escriptas pelo Sr. Augusto Brito: *Crime e deshonra*, drama em 2 actos, o *Bigamo e Mudar de sexo*, comédias em 1 acto. Tod's esses trabalhos revelam habilidade e talento; pena é o que o seu autor viva esquecido n'um canto da provincia, embora o theatro seja o mais ingrato dos terrenos litterarios, mesmo na capital da Republica.

Ha muitos annos representaram-se no Maranhão, com geral agrado, duas comédias do mesmo autor, intituladas: *Criticos momentos!* e *Uma moça astuciosa*.

O nome do Sr. Augusto Brito não é estranho ás leitoras da *Estação*: O comediographo maranhense é um dos mais prestimosos collaboradores d'esta revista.

X. Y. Z.

## A Viuva d'Ulysses

(Continuação)

Nada mais entre elles sobre este assumpto.

Levou-a para longe, para uma terra, em Nantes primeiro, depois a beira-mar; entreteve-se em mostrar á gente da provincia essa elegancia exquisita, ora vestida de *redingotes* masculinos, ora de filós transparentes, através dos quaes via-se o rosado da pelle; e por cartas repetidas, começava o sitio sem dizer-lhe cousa alguma, acabrunhando Themis de encomendas, Prudhon e Isabey de conselhos. Pretextou um dia uma ordem imperial e deixou-a por uma semana, voltando depois com a physionomia resplandecente de contentamento.

Ella, que de cousa alguma desconfiava absolutamente, não via sem receio passarem-se as horas e chegar o momento da volta. Ia chegar o dia em que seria preciso retomar a estrada e entrar, em uma bella manhã, no palacete abandonado, com os seus ornatos funebres e a perturbadora serenidade de seus seres. Sem proferir uma unica palavra, inventava meios e modos de prolongar a sua permanencia, onde se achava; eram officiaes de marinha que preparavam feitos em honra sua; passeios aos lugares das ultimas batalhas; recepções feitas unicamente em attenção á sua pessoa. Por desgraça a licença findou, e um dia sua carruagem levou-a através do Bocage, pelo Maine e o Anjou, ao longo da Loire, a pequenas jornadas, em um *tête-tête* que a penalizava, por causa da indifferença d'Egisto.

Emfim descobriu-se uma grande bruma de outomno, espalhada ao fundo da planicie, e, plantados no meio, campanarios e casas innumeraveis; era o termo dos risos. Como lucto por sua volta, t'era um vestido sombrio, dos que usava em dias de chuva, lá em baixo, á beira do Oceano.

Um chapéu ligeiro, uma redingote quasi negra, cothurnos pretos. Ao chegar pôz o pé em terra e olhou para traz. Porque não confessava ella a seu marido o incommodo horrivel que lhe causava a volta á rua dos *Trois-Frères*, onde tinha de tornar a vêr a escada pompeana, o frigidarium e o salão de companhia?

Não o ousou, por um sentimento de respeito humano e para não exagerar a importancia de seus proprios pensamentos; seria tempo sempre de procurar um ninho, em outro lugar qualquer; trabalharia para isso.

Sentiu então que a carruagem dobrara na rua Bac, á antiga *garçonnère*; respirou.

Amanhã! elle tinha dito amanhã, isto é que a partida apenas fôra adiada um dia, o tempo de abrir as janellas e fazer entrar na casa um pouco de ar.

Esperando esta miseria, Zulmé lançava um olhar distraído aos cartões chegados depois de sua partida; um cumprimento de Mme. la Marechale, um convite para um concerto, uma longa epistola da bulhosa Eglé d'Haudetot; depois cartões com dizeres:

« O Sr. presidente Malé veiu saudar a senhora de Vauçay ». Isso a enobrecia; esboçou um sorriso.

No fundo do amalga, como um pratinho especial, uma palavrinha de Herminia Le Glay, sua melhor confidente de outr'ora, sua amiga de estudos, de quem estava separada, ha cinco longos annos, e que lhe annunciava sua proxima visita.

« Tive noticia de tua dôr, amiga infeliz, e desejaria muito levar-te o remedio da minha consolação... »

— Como assim! exclamou ella, consigo mesma; teriam-se esquecido de participar-lhe o meu novo casamento? Mas com certeza, oh! céus! tinham-se esquecido. Em cinco annos o Lettes deixa correr suas aguas impiedosas.

« O soffrimento tem seu limite, oh! terna Zulmé! e eu creio que com a minha chegada, em certas circumstancias, voltará a serenidade a teus sentidos perturbados e enfermos. O aspecto de uma felicidade

que te é tão cara causar-te-ha, assim o espero, um doce sentimento de repouso.

« Viverás perto de nós; ainda não te havia annuciado mais cedo esta alegria, porque estavam muito separadas e porque as tuas magoas eram muito recentes para que pudesses aceitar qualquer especie de distracção. Não te escrevo mais, porque quero fazer-te uma surpresa, um destes dias mais proximos, e d'aqui envio-te um beijo. »

Zulmé teve um gesto de mau humor; no turbilhão incessante das festas, poucas vezes fazia uso da penna.

Qual o meio de explicar tal esquecimento? Vamos! Era preciso voltar, n'aquelles dias, á rua de Trois-Frères, para não parecer que se fugia miseravelmente.

Explicar-se-hia o caso do melhor modo possivel.

Mas de que lhe fallava Herminia, então?

Estaria ella casada?

Casada com este companheiro de Cantelleu a que costumava referir-se, antigamente?

Sabe-se lá a quantas se anda, nesta trapalhada de guerra!

— Que pensas, Egisto?

Egisto, consultado, limitou-se a sorrir; ignorava tudo.

— Voltar-se-hia então ao arsenal abandonado, estava-se obrigado a rever aquellas cousas guerreiras, adormecidas?...

— Ah! não me ralhes; tenho presentimentos lugubres

— Teus presentimentos são falsos, minha bella; vel-o-has em breve.

E ella teve a certeza disso; viu logo aos primeiros passos transformações que só uma fada as realisaria em tão pouco tempo.

Em vez das figuras rudes pintadas nas paredes do vestibulo, havia amores atormentando uma Ceres, cornucopias de abundancia semeando flores e fructos. Nem se quer o antigo creado, cujos gestos automaticos trahiam as submissões ao chefe guerreiro, mas, ao contrario, um magnifico rapagão, desembaraçado e lesto, e que sabia cumprimentar com graça.

— Egisto, quanto eu te agradeço!

E que espanto quando, abertas as portas do salão de par em par, a antiga fortaleza cheia de trophéus appareceu, na luz branda dos desenhos roseos, com suas mirificas e novissimas installações de mobilia e ornato!

Nem guerreiros, nem Themistocles, nem nada dos outros tempos; ternuras semeadas por toda a parte, mesas que repousavam sobre Hebes, consolos cythereos, vasos de queimar perfumes formados de cysnes ornados de sedas, escabellos historiados de pombas e de rosas. Um pouco da antiga galanteria das côrtes francezas de outras épocas, aliada ás tendencias do tempo presente, toda uma theoria de objectos, de linhas, de sabios perfis e de colorações ao mesmo tempo vivas e discretas.

Neste santuario de Venus, e como que subitamente arrebatada da terra para o Olympo, Zulmé permanecia immovel. Seu extasis traduzia-se em ingenuas e admirativas exclamações.

Com as mãos juntas e unidas ao peito, dava ella claramente a entender sua alegria inesperada e immensa.

Elle, muito feliz, estendido sobre uma otomana, gozava dos seus menores movimentos, com a tranquilladora certeza de haver vencido e de nada ter mais a receiar.

Ella parecia-lhe mais bella ainda, com o brilho emprestado das decorações, no rosado e na dilatação maravilhosa que a punha em rivalidade com as delicadas estatuetas inventadas pelos mestres. Emquanto que doudejante e travessa, correndo para cada objecto, levantando os tapetes, abrindo as gavetas, ella passava e repassava deante d'elle, levando os dedos aos labios, em signal de terno agradecimento, elle detalhava a sua deusa, belleza por belleza. Nem Mme. Odier, filha das Graças, nem a incomparavel Regnault de Saint-Jean-d'Angely, mulher alguma, no mundo, se avantajava á sua.

Um sorriso só, um movimento que ella fizesse, tornava-a mais provocadora do que todas as outras reunidas. Helena bem merecia que a puzessem fóra de Troia, felicitava-se por ter expulso do templo os incommodativos capacetes e collocado em um canto sombrio a illustre victima de Iena.

Em seus vae-vens, Zulmé sentiu como que uma picada subita no coração; deteve-se e, com um olhar circular, percorreu toda a peça. Elle tranquillizou-se; Cantelleu dormia o somno dos bravos, onde as felicidades terrestres nunca mais o importunariam, em uma parte qualquer, em um aposento do outro andar e longe, muito longe do ruido.

Disse Egisto meio sério, meio a gracejar:

— Sombra venerada, repousa na paz do tumulo, ficanos o beneficio de tuas virtudes.

E em um impeto de amor e de alegria de viver, viver sem remorsos, lançou-se de joelhos, na mesma posição em que o sorprehendera a lembrança do outro.

Destá vez Zulmé não se defendeu, abandonou as mãos que o marido cobria de beijos.

Viram-se assim, reflectidos em um espelho, e sorriram.

Não valeria mais este quadro do que as sobranças cerradas e a rude figura do coronel, ou os sarcasmos picantes da Pallas d'outr'ora?

Ella disse sim, com a cabeça, requebrando-se, e conchegando seu chale que escapara-se de um dos hombros.

— Amas-me muito, Zulmé?

— Muito! muito! Ah! não o duvides.

(Continúa.)

## Um baile

(Conclusão)

is a conclusão em tudo isso é que não convem ar-se uma pes-oa do que lhe pôde ser necessario, exclusivan.ente para se mostrar discreta e reser- nos *bufets*, deante dos refrescos.

stá nisso uma das melhores provas de *savoir-vivre* boa educação.

lgumas vezes, em lugar de um *buffet*, ha em certos es verdadeiras ceias.

estas condições, como nem todos podem tomar r á mesa ao mesmo tempo, sentam-se primeiro as oras, que são servidas pelos cavalheiros, que se servam de pé e têm a honra de lhes apresentar os os frios que de ordinario compõem a ceia

s unicas coisas quentes que nestas occasiões se itte são os caldos e o chocolate que se dá sempre, todos as soirées dançantes, antes da partida dos vidados.

este respeito ouvi contar uma aneloceta attrila a Mr. Dufaure, deputado, ministro, mas muito co habituado a certos costumes da boa sociedade, ora não lhe faltasse educação e cavalherismo.

avia, uma noite, um grande baile em seu palacio como sempre, Mme. Dufaure fazia as honras asa.

s 3 horas foram todos para a maza. Os convidados em pequeno numero, de modo que todos,

homens e senhoras encontraram lugar, mesmo por- que a sala de jantar era uma das mais vastas de Paris

Quando Mr. Dufaure, já adeantado em annos, sen- sou-se, um creado collocou deante d'elle um prato enorme, não de caldo, mas de sôpa, verdadeira sôpa de pão, de couves, de batatas e de todos os legumes que a podiam tornar pesada e appetitosa para um estomago de Saintongeais.

Perto do ministro achava-se uma joven e bonita senhora, muito elegante, incapaz talvez de comer um beefteck, a qual parecia declarar, com os seus grandes olhos abertos, ao respeitavel ancião que nenhum desejo tinha de tomar parte na sua ceia.

Não podendo conter-se, perguntou:

— Como é possível, sem temer uma horrivel indi- gestão, comer-se um semelhante prat, na occasião de se ir deitar

— Deitar-me! Mas agora mesmo acabo de me levantar, minha senhora, respondeu o velho diplo- mata. Emquanto a senhora dançava, eu dormia, e agora almoço para trabalhar, enquanto a senhora vae dormir.

A joven senhora sorriu, mas não tomou parte na abundante ceia.

Mme. Balmier mal havia acabado de fallar, quando dirigiu-se para nós um cavalheiro, elegante, o qual disse para Mme. Daunon, com uma certa emphase:

— Espero, minha senhora, que esteja satisfeita com o baile; a sua *demoiselle* fez um successo de que a senhora deve estar orgulhosa.

— Com certeza, senhor, respondeu a joven mãe sorrindo; uma mãe é sempre feliz com o que faz a alegria de seus filhos, e eu me sinto feliz por causa de minha filha.

— Porque sorria? perguntei eu a Mme. Balmier.

— Não notou a expressão de que se serviu este senhor, fallando de Thereza á minha irmã?

— Sim, elle disse sua *demoiselle*.

— Pois bem, esse modo de fallar denota a pre- tenção e a vulgaridade as mais completas, só empre- gadas pelas pessoas as quaes faltam as mais rudi- mentares noções do *savoir-vivre*. Quem está habituado á boa sociedade sabe perfeitamente que a simpli- cidade nas palavras e nas acções são signaes de dis- tincção e intelligencia.

Não se deve dizer a um pae ou a uma mãe sua *demoiselle*, fallando de sua filha.

Quando se trata com um marido deve-se dizer *votre femme*, e nunca *votre dame*; *votre fille*, fal- lando a um pae ou a uma mãe.

Pôde-se, entretanto, dizer a um homem, como vae *madame*? acrescentando-se o nome de familia.

E' preciso tambem evitar as palavras *époux* ou *épouse*, e uma mulher fallando de seu marido deve dizer: senhor, juntando seu nome ou mais simples- mente: *mon mari*, como um marido deve dizer: *ma femme*.

Embora sejam convenientes a simplicidade e a naturalidade, não convém que se fique, unicamente absorvido pelo prazer, até o fim do baile, sobre tudo quando se está em companhia de uma rapariga.

## VINHO DE CHASSAING

BI-DIGESTIVO

Receitado ha 30 annos

CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS

Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

## PRISÃO DE VENTRE

é curada com o verdadeiro

Pó Laxativo de Vichy

do Dr. SOULIÉ

Laxante certo,

agradavel ao paladar, facil de se tomar

O vidro de cerca de 25 doses : 2 fr. 50

PARIZ, AVENUE VICTORIA, N.º 8 PHARMACIAS.

## METHODO INFALLIVEL

## DE MOCIDADE E DE BELLEZA

perpetuas, creada pela

PARFUMERIE EXOTIQUE, 35, Rue du 4 Septembre, à Paris

com o auxilio do succo benéfico das flores e das plantas que entram na composição de seu cosmetico.

Citamos entre outros:

**L'Eau et la Crème Brise Exotique** que parecem ter vindo entre nós sobre a aza perfumada do zephiro para apagar a ruga, o tisme, as sardas, purificando, amaciando e clareando a pelle.

**La Fleur de Pêche** suave pó de arroz que dá á epiderme uma alvura transparente rosada que idealisa o semblante.

**La Pate des Prelats** que vos faz essas mãos de mar- queza que os abbades galantea- dores do seculo passado declara- vam serem simplesmente adoraveis;

**La Poudre des Prelats** completa a obra da pasta dando á mão alvura trans- parente veuada de azul e

**Le Savon des Prelats** preparado com principios iguaes aos da pasta, lus- tra-a, refresca-a e purifi- ca-a; a sua espuma unctuosa comunica-lhe delicioso per- fume ao penetrar nos poros.

Cumpre exigir o nome e a direcção da

PARFUMERIE EXOTIQUE, 35, Rue du 4 Septembre, à Paris

sobre todos os productos, para certificar-se de que sao ver- dadeiros.

## NINON DE LENGLOS

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epi- derme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de bap- tismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava- se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Muito verde ainda! » via-se obriga- do a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafon- taine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceva jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época, descobriu o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 31 à PARIS.

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo:

## DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

## Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

## LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFU- MERIE NINON conta-se:

## LA POUDRE CAPILLAIRE

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

## SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os super, cilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;

## LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleireiros de França e do estrangeiro

**VELOUTINE**

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial PREPARADO COM BISMUTHO por

**CH. FAY** Perfumista

9, Rue de la Paix, 9 PARIS

EXPOSITION

Médaille d'Or

UNIV<sup>le</sup> 1878

Croix de Chevalier

MEMBRO do JURY — FORA de CONCURSO

EXPOSITION UNIVERSELLE 1889

## BOUQUET CHOISI

Novo Perfume para o Lenço

DE

## E. COUDRAY

Artigos Recommendados:

PERFUMARIA de LACTEINA

Recommendada pelas Celebidades Medicas.

PÓS de ARROZ varios.

AGUA DIVINA, dita Agua de Saude

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA

PARIS - 13, Rue d'Enghien, 13 - PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabelleireiros da America.

M<sup>mes</sup> DE VERTUS SŒURS

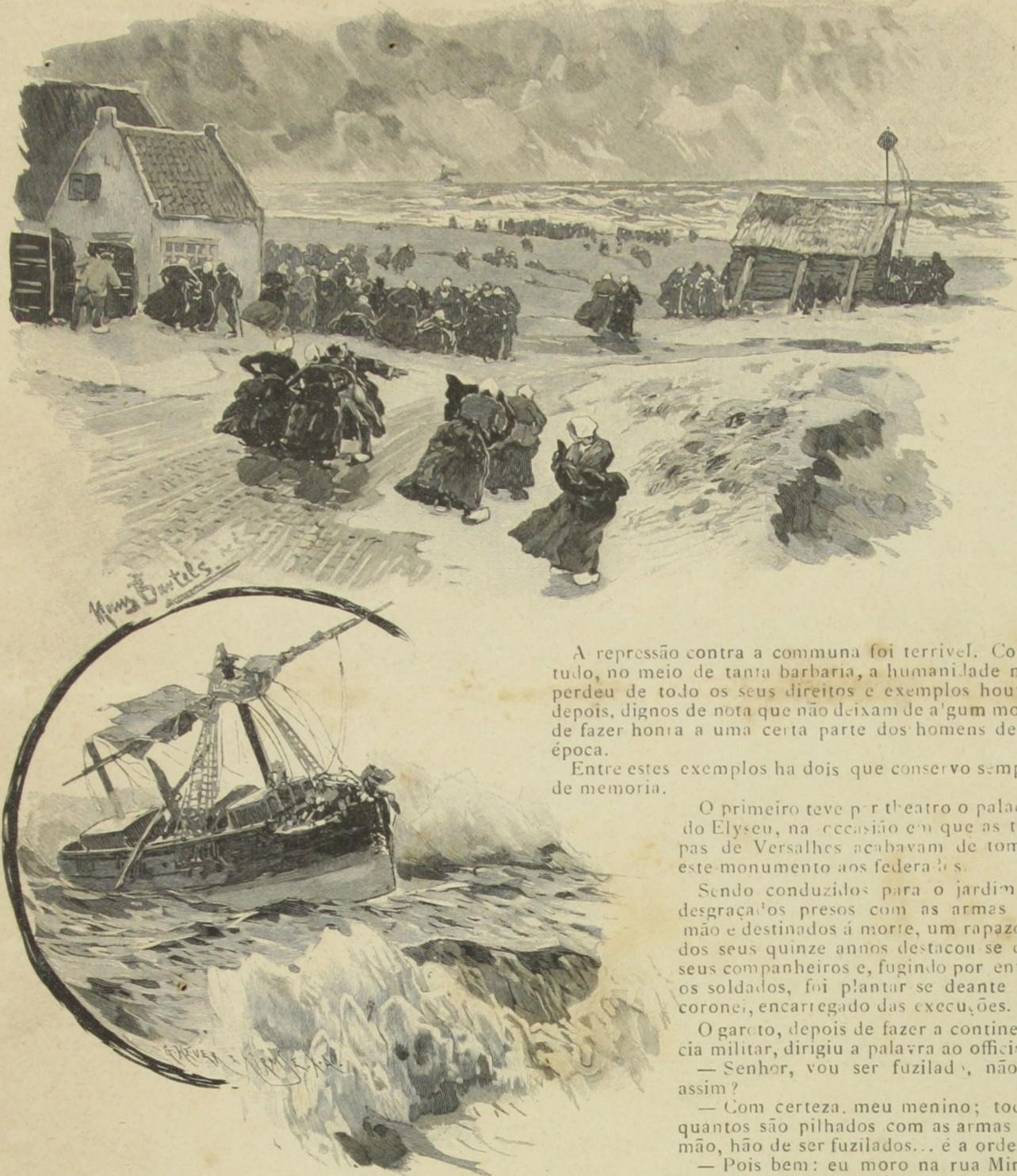
de PARIS

12, Rue Auber, 12

desejando pôr termo á contrefacção detestavel, tanto pela forma como pelos aviamentos empregados, tem a honra de prevenir a sua clientela que os "Verdadeiros espartilhos" sahindo realmente da Casa de **VERTUS Sœurs**, levarão a datar de 1892, uma medalha presa do espartilho por uma fita vermelha tendo impressa a *Marca da Casa*.



Esta marca é depositada em França e no Brazil e toda a contrefacção será perseguida conforme á lei.



### TEMPESTADE

— Mas Thereza dança o *cotillon* com tal ardor que devemos deixa-la, como está.

— Não, Thereza diverte-se, á vontade; mas ao primeiro signal que lhe fizer sua mãe, irá ter com ella para descansar alguns instantes e depois desapareceremos, sempre sem dizer cousa alguma, como sabe.

Este pequeno programma foi executado sem a menor difficuldade. Meu marido, apesar do abandono em que parecia nos ter deixado para conversar com alguns homens a quem fôra apresentado, não nos tinha, entretanto, perdido de vista. Vinha, de vez em quando, pôr-se á nossa disposição, quer para algum passeio nos salões, quer para ir ao *buffet*, como outras pessoas tinham feito comigo.

Assim, logo que notou o nosso desejo de partir, adeantou-se para nós, e, offerecendo desta vez o braço a Mme. Daunon, conduziu-a para o gabinete de toilette, onde nós o seguimos immediatamente.

Ninguém, nem mesmo os donos da casa parecia ter dado pela nossa partida.

Deve-se deixar completa liberdade em taes circumstancias; é sempre condemnavel o procedimento da dona da casa que anda a correr atraz dos convidados para que elles não saiam. Um acto destes só é toleravel na mais completa intimidade.

Não é preciso dizer que Thereza, que foi a unica a dançar, foi alvo de todos os cuidados de sua mãe, para evi ar o frio. Passamos para a ante-camara, onde se via, de pé, um creado para abrir a porta, a qual se fechava logo.

Apenas puzemos o pé na rua, apresentaram-se deante de nós uns vinte carros.

Mme. Balmier explicou:

Os donos de casa escrupulosos devem ter o cuidado de recomendar á uma estação visinha que ponha á disposição dos seus convidados numero sufficiente de carruagens á sahida do baile.

Não fiz observação alguma; mas pensei logo *in pecto* que a arte de receber é algumas vezes bem difficil.

CATHERINE PARR.

### Depois da communa

Estas lembranças foram tiradas de um volume publicado pela casa Victor Havard, com o titulo *Jornal de um vencido*.

A repressão contra a communa foi terrivel. Contudo, no meio de tanta barbaria, a humanidade não perdeu de todo os seus direitos e exemplos houve, depois, dignos de nota que não deixam de a'gum modo de fazer honra a uma certa parte dos homens desta época.

Entre estes exemplos ha dois que conservo sempre de memoria.

O primeiro teve por theatro o palacio do Elyseu, na occasião em que as tropas de Versalhes acabavam de tomar este monumento aos federados.

Sendo conduzidos para o jardim os desgraçados presos com as armas na mão e destinados á morte, um rapazola dos seus quinze annos destacou-se dos seus companheiros e, fugindo por entre os soldados, foi plantar-se deante do coronel, encarregado das execuções.

O garoto, depois de fazer a continencia militar, dirigiu a palavra ao official:

— Senhor, vou ser fuzilado, não é assim?

— Com certeza, meu menino; todos quantos são pilhados com as armas na mão, hão de ser fuzilados... é a ordem.

— Pois bem: eu moro na rua Miro-mesmil, onde mamãe é parteira. Já que vou ser fuzilado, naturalmente não torno á casa; mamãe me esperará e ha de ficar inquieta. Dá licença que eu vá até em casa? Direi a mamãe que tenho que fazer e que não ha perigo para mim; deste modo ella me esperará e se atormentará menos. Além disso tenho um relógio e desejava dal-o a mamãe, antes de morrer. Consente que eu vá até lá? Prometto que voltarei.

O coronel cercado de alguns officiaes e do governador do palacio, M. de Belavalle, que ficara em Paris durante a communa, sentia-se tomado de estupefacção, a ouvir o pequeno.

Estava farto de sangue, talvez; repugnou-lhe, de certo, mandar matar aquella creança de quinze annos; sorriu e perguntou ao menor:

— E se eu te der licença, promettes voltar?

O garoto endireitou-se:

— Palavra de honra, senhor!

— Pois bem, vae.

Depois voltando-se para os officiaes, murmurou:

— Tem espirito, este patife; isso salvou-o.

Meia hora depois, quando já ninguém pensava no incidente, apresentou-se de subito, deante do official, o pequeno communitista:

— Prompto, senhor; disse elle. Já fallei com mamãe dei-lhe um beijo e agora posso morrer.

O soldado sentiu-se como que tomado de uma amizade louca pelo garoto.

Agarrou-o pelas orelhas (talvez quizesse abraçal-o), levou-o até o portão; applicou-lhe um ponta-pé em baixo dos rins e atirou-o fóra, exclamando:

— Maroto, tratante; arreda-te e volta para a casa.

Depois, dirigindo-se de novo aos que estavam com elle, disse:

— Têm heroes estes cães de communitistas!

O segundo exemplo de humanidade, de piedade, teve lugar em Versalhes, no terceiro conselho de guerra, que tinha sua séde no palacio de justiça e era presidido pelo coronel D., dos couraceiros.

Deu-se este exemplo em uma audiencia de que elle fazia parte.

Acabava de sentar-se no banco dos accusados um homem moço, distincto e vestido decentemente.

O coronel, depois das perguntas habituaes, interrogou-o bruscamente:

— E' viuvo e tem duas filhas?

— Tenho, meu coronel.

— Duas filhas, não é assim?

— Duas.

— E enquanto o senhor está aqui, onde estão ellas?

— Em casa de um amigo, que tomou conta dellas.

— Este amigo acaba de morrer. Ellas estão na sala da audiencia.

— Aqui?

— Sim.

— Quer vel-as?

— Quero.

— Guardas, mandem entrar as duas meninas.

Vio-se então duas mocinhas, uma de dezeseis annos mais ou menos, outra de quatorze, adoravelmente bellas, sabirem timidamente da multidão e deterem-se no recinto das testemunhas, escoltadas por um empregado.

O coronel sorriu-lhes e disse:

— Vamos conversar com vosso papá, minhas meninas. Irão esperal-o em uma peça visinha a esta. Mas antes, desejam beijal-o, não é assim?

A mais velha respondeu:

— Sim, senhor.

— Pois bem, beijem-no.

Uma emoção violenta apoderara-se do publico que enchia a sala e estabelecia se uma corrente sympathica entre aquelle pae que chorava com o carinho de suas filhas e o presidente, bastante humano, para permittir aquellas expansões de familia, pouco em uso com o ceremonial ordinario da justiça.

Depois das pobresinhas haverem abraçado seu pae replicou o coronel:

— Agora, como já lhes disse, enquanto conversarem com o seu papá, passem para uma peça visinha a esta. Guardas, conduzam estas meninas para o gabinete das testemunhas e não as deixem.

O processo foi rapido; o infeliz pae foi condemnado a um mez de prisão por simples delicto de imprensa.

O auditorio estava attento, ansioso.

O juiz depois de dar conhecimento da sentença a condemnado, pareceu reflectir e perguntou:

— Tudo esta muito direito; mas o que será de suas filhas, durante a sua prisão?

— Ignoro-o, meu coronel.

— Como ignora?

— Não tenho amigos nem parentes a quem possa confiar-as.

O coronel bateu com o punho sobre a mesa e exclamou:

— Mas isso não póde ficar assim; estas creanças não podem ficar na rua!

— E', entretanto, onde ellas têm de ficar, meu coronel.

O official voltou-se para os guardas:

— Conduzam as meninas, resnou elle.

Depois, quando as duas estiveram na sua presença disse:

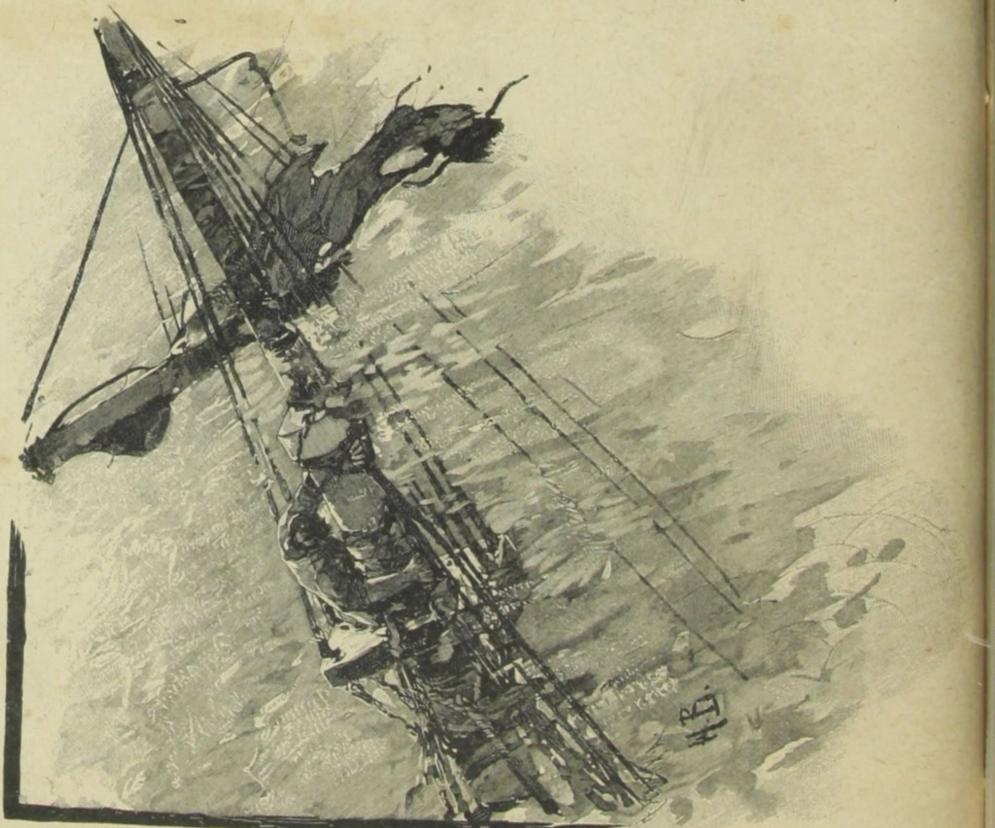
— Meus anjinhos, o seu papá vae fazer uma pequena viagem. Estará ausente durante um mez. Enquanto esperarem é preciso que fiquem em algum lugar. Vão jáncas, creio que não conhecem pessoa alguma. Porém, têm medo de mim? Querem ir commigo, para minha casa?

Foi ainda a mais velha quem respondeu:

— Sim, senhor.

— Está dito. Beijem seu papá mais uma vez, vamos. Meus senhores, está encerrada a audiencia.

Não é preciso acrescentar que se viram, então, lá.





FLORISTA

grimas em muitos olhos, neste dia, no terceiro conselho de guerra, e que foi muito felicitado o coronel D., cujo *cavaignac* rude estava humido.

Cofocou as duas creanças num convento e é uma consolação pensar que, se ellas se conservaram mulheres honestas, o devem, filhas de um vencido, a um velho tambreiro victorioso, cujo militarismo, então pouco transigente, não lhe empedernira de tudo o coração.

PIERRE DE LANO.

### AS NOSSAS GRAVURAS

#### A encruzilhada

Bem no cotovello da estrada, no ponto em que os caminhos se bifurcam, está o poste das indicações.

E a pequena, transviada talvez, mal orientada, pouco conhecedora do caminho, com a mão sobre a fronte, servindo de ante-páro aos raios do sol, procura lêr, não sem bastante dificuldade, qual a direcção que deve tomar.

Ao fundo vêm-se algumas casas, rusticas, de camponios, docemente banhadas pela luz do dia.

O assumpto não pôde ser mais simples; mas nem por isso deixa de impressionar pela habilidade com que foi tratado.

#### A tempestade

Graças ao talento e á inspiração do popular pintor Bartels, podemos hoje offerecer ás nossas estimaveis leitoras, tres quadrinhos, pequenos, mas expressivos que, sem exageração alguma, podem ser classificados de tres cantos de um poema de angustias

O primeiro — é uma praia de mar, uma aldeia de rudes pescadores, habituados ás zangas do oceano. Ali viveram sempre, acalentados pelo ruido das vagas, ruido a que se habituaram do berço ao tumulo. São frequentes as tempestades; nesse dia, porém, avistou-se, ao longe, malaventurado navio. E' titanica a lucta travada com o oceano; lucta homérica

Da praia acompanham todos, interessados e aterrados, a agonia da misera embarcação. Quem querára salvo-o? Quem se offerecerá, em holocausto, ás vagas revoltas, maiores que montanhas, mais destruidoras que avalanches?

Ninguém.  
O segundo — é a derrota inteira do pobre e fragil vaso; sossobra de todo, que não lhe é possivel de certo enfrentar com a furia dos elementos desencadeados.

Nada de socorro, porque seria temeridade, mais do que loucura tentar prestalo; o oceano defenderia encarniçadamente a sua preza, arrebatando a quem quer que tentasse arrancar-lh'a.

E' a fatalidade do destino que se executa impassivelmente, com o acompanhamento sinistro e emudecedor do tufão servido pelos graves profundos da orchestra das ondas

O terceiro — já se consummou a pavorosa catastrophe; está tudo concluido Da fragil embarcação apenas resta um pouco do mastro grande, fóra das aguas, para attestar apenas o lugar em que se finaram tantas vidas, necessarias á voracidade implacavel do mar.

O quarto — se o pintor o fizesse seria no dia seguinte um pedaço desse mesmo mar revolucionado, agora tranquilo e sereno, a digirir solemne e soberano as victimas da vespera.

#### Florista

São moças todas, algumas até creanças, dedicam se á perfumada profissão de vender flôres, soltas, em delicados ramilhetes arranjados com apuro e esmero, ou mesmo em vasos que vão mais tarde figurar nos jardins dos poderosos e dos ricos.

E' o mesmo typo em toda a parte, menos aqui no Brazil, onde, apesar da nossa pujante natureza e da variedade da nossa flôra, pôde-se afirmar que é ainda rudimentar não só a floricultura, como mesmo o gosto pelas flôres. E' um bonito quadro de Gausse.

#### CORRESPONDENCIA

63724 — S. José d'Alem Parahyba — Seguiram pelo correio a 1 de corrente os objectos pedidos em um pacote registrado.

58490 — Belem — Havendo sido elevado o preço annual da assignatura de 14\$ a 17\$ foi feita a que pedio por 3 mezes apenas cujo preço é 13\$800 e devolydos 500 reis.

61612 — Retiro. — Não ha no Rio de Janeiro. Podemos, porém, mandar vir de Paris, se assim convier a V. Exa.

**DELETTREZ**  
EM PARIS  
INVENTOR DA NOVA  
**PERFUMARIA**  
extra-fina  
DE  
**AMARYLLIS**  
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete . . . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Pó de Arroz . . . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Essencia . . . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Agua de Toucador . . . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Vinagre de Toucador . . . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Oleo para os Cabellos . . . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Brilbantina . . . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

**T. JONES**  
Fabricante  
de Perfumaria Inglesa extra-fina

**VICTORIA ESSENCIA**  
O mais delicioso perfume do Mundo.  
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

**FLUIDE IATIF**  
Macia a pelle, embelez-a e a torna flexivel  
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Ba ta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos beiços.

**LA JUVENILE**  
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel  
Pó sem mistura alguma chimica, adherente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.  
Preparado especialmente para ser empregado com o fluido iatif.

**LAIT IATIF, chamado LILY WASH**  
para embelezar a tez.  
Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor receio, no rosto, nos braços e nas espaldas.

**CREAM IATIF**  
Conserva-se em todo os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

**AGUA DE TOUCADOR JONES**  
Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

**ELIXIR E PASTA SAMOHTI**  
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS  
Depositos em todas as principaes Parfumarías.

**T. T. PIVER em PARIS**  
IMPORTADOR DA  
NOVA PERFUMARIA Extra-fina  
AO

**CORYLOPSIS DO JAPÃO**

SABO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO + Pó de ARROZ . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
EXTRACTO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO BRILHANTINA . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
AGUA-TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO OLEO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
LOTION . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO POMADA . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日本茶女殿

**XAROPE DE DENTIÇÃO**  
do D<sup>o</sup>r DELABARRÉ

Xarope sem narcotico recommendado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FJMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz  
e em todas as pharmacias

**PAPEL E CIGARROS**  
**ANTI-ASTHMATICOS**  
de Bin BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 15 ANNOS DE SUCCESOS.

FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz  
e em todas as pharmacias.

**NUNCA APPLIQUE-SE UM**  
**VESICATORIO SEM SE TER O**  
**VESICATORIO DE ALBESPEYRES**

O MAIS EFFICAZ e O MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS  
Exija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE  
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faub' St-Denis, PARIS  
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.

**PILULAS DE BLANCARD**

APPROVADAS PELA  
ACADEMIA DE MEDICINA  
DE PARIS

Resumem todas as  
Propriedades  
do IODO  
e do FERRO.

40  
Rua Bonaparte  
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia**, **Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangue**.

**PILULAS DE PEPSINA**  
DE  
**HOGG** Pharmaceutico  
EM PARIZ  
2, rua de Castiglione

**1º PILULAS NUTRIMENTIVAS**  
de Pepsina acidificada contra as affecções gastralgicas, dispepticas, etc., e nos casos em que a digestão é difficil ou impossivel. — 5 Fr. o frasco de 100 pilulas, 3 Fr. o meio frasco  
Dose: 2 pilulas antes 2 outras depois das refeições.

**2º PILULAS** de Pepsina e de Ferro reduzido pelo hydrogeneo contra as molestias chronicas as affecções que dependem dellas (perdas brancas, côres pallidas, menstruações difficéis) para fortificar os temperamentos debilitados. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.  
Dose: de 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

**3º PILULAS** de Pepsina e Iodureto de Ferro contra as molestias escrofulosas, lymphaticas e syphiliticas, a pthisica, a cachexia chlorotica e as affecções atonicas geraes da economia. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.  
Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

Estas tres sortes de pilulas são prescriptas diariamente pelos mais conceituados medicos.

DEPOSITO nas principaes PHARMACIAS do BRAZIL